

De sonhos, lutas e histórias: rotas possíveis no teatro estudantil¹

Luciana Campos

1

Sobre a terra há de viver o mais forte. A frase é de Torto Arado, romance brasileiro contemporâneo de Itamar Vieira Júnior publicado pela Editora Todavia em 2019. O livro conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que após uma tragédia pessoal na infância trilham trajetórias diferentes. Todo o enredo se passa em terras do sertão baiano: as vozes polifônicas que expressam memórias coletivas e desvelam as desigualdades raciais, sociais e de gênero evocam a luta pela resistência dos povos quilombolas. A ficção extrapola a realidade (ou seria o inverso?) e nos arquivos da história encontra-se *Frechal*, quilombo pioneiro, localizado em terras paraenses. A luta pela terra funda o Brasil.

Em *Frechal*, a exposição de histórias silenciadas é colocada em primeiro plano. A urgência em narrar, em contar o que aconteceu revela-se como recurso dramático utilizado pelos atores em cena. Não se trata de uma peça – somos advertidos desde o início – mas um manifesto. A palavra assume então papel central e é por meio dela que se busca apresentar ao espectador o que aconteceu em *Frechal*.

Para além das questões que envolvem tradicionalmente o trabalho com a cena, isto é, figurino, cenário, iluminação, cabe pontuar dois aspectos importantes na apresentação do grupo Candeeiro: o papel da música e a relevância do tema. A musicalidade presente durante a apresentação evoca a ancestralidade e demonstra como os instrumentos de luta se constituem em determinados momentos históricos, ou seja, como a luta de pessoas que tiveram seus corpos subalternizados e solapados pela violência encontram formas de elaborar instrumentos de resistência. Falar sobre a luta pela terra é um dos assuntos de maior dificuldade nesse país. Ainda urgente e pouco discutido, sendo muitas vezes vilanizado pelos veículos de comunicação, a luta pela terra é contínua em nosso país. Como um país arraigado às múltiplas formas de violência, somos ainda incapazes de enfrentar historicamente esse acontecimento, de falar abertamente sobre as feridas de dor e violência que o processo colonial nos deixou.

¹ Breves apontamentos sobre as peças “*Frechal*”, “*O pesadelo das feiticeiras: uma história ou uma realidade*”, e “*Sonho de Favela*”.

Outro fator importante é a apresentação do tema feita por um grupo composto em sua totalidade por jovens atores. A juventude não os impediu de tocar em assuntos de tamanha importância. Ao apresentar sobre Frechal, o grupo escolhe valorizar a luta ancestral, falar de histórias que não estão nos livros. Em um momento basilar das lutas pelos direitos sociais nesse país, um manifesto que apresenta a luta de um povo é necessário. Urgente.

Em uma série feita pela fotógrafa belga Christine Leidgens, o cotidiano de resistência negra de Frechal é registrado. Homens, mulheres, jovens expressam nos corpos a força da resistência, do amor à terra, da alegria do convívio com os seus, da luta diária.

Conhecer sobre a luta dos que vieram antes de nós: uma lição que não podemos esquecer.

2

O que pode o conhecimento ante uma sociedade que, ao invés de incorporá-lo às práticas cotidianas, refuta-o sem ao menos examinar um pouco? Embora celebrado como uma conquista, um meio de projetar novos e possíveis mundos, o conhecimento é colocado em uma arena de disputa, em que um grupo quer impor a todos os outros o que considera conhecimento. Nesse contexto, a perseguição aos diferentes e a dificuldade de conviver com o outro impulsionam o ódio como ferramenta para aniquilar a diferença. Assim é na peça “O pesadelo das feiticeiras: uma história ou uma realidade”, do Grupo Alta, de Sorocaba, São Paulo.

Utilizando muitos elementos da linguagem cinematográfica, especialmente as transições de cenas e as locações, somos convidados a acompanhar um grupo de feiticeiras às voltas com uma caça às bruxas no vilarejo em que vivem. A partir daí, uma série de ações se desenrolam e o questionamento que se encontra na base de todas as falas das personagens é um só: o que pode o conhecimento?

Conhecimento é poder. A frase é dita no final do espetáculo e aparece como um chamado, um convite à reflexão e à ação: colaborar para um mundo mais justo, respeitando as diferenças.

Conhecimento para libertar das amarras do preconceito, do ódio, da mesquinhez. Conhecimento como semente, para florescer novas formas de existência. Lembro-me de Paulo Freire, mestre da educação brasileira, que com sua pedagogia buscou valorizar a

experiência de seus alunos, sem desconsiderar o que já sabiam deste vasto e complexo mundo, expandindo quem somos. Conhecimento para libertar, para aprender, para valorizar de onde viemos e para onde vamos.

3

Conhecimento possibilita sonhar?

Em um país sendo arrasado pelo ódio e pela intolerância, sonhar é um ato de resistência. Florescer em território árido, com dificuldades que não cessam de crescer está nas lutas coletivas dos grupos economicamente vulneráveis. A força, o cotidiano de incerteza e de pequenas alegrias e os detalhes presentes no dia a dia dessa grande parcela da população foram encenados pelo grupo Teatro na Zona Norte, do Rio de Janeiro (RJ). A peça traz um questionamento, aquele com o qual alguma vez na vida já fomos confrontados: qual seu sonho? Ser bailarina? Astronauta? Ganhar na loteria? Viajar pelo mundo?

Reconhecer as origens e o território: ver-se na experiência da sobrevivência diária, performar múltiplos papéis, os atores sociais se enredam, se narram e constroem, mimetizando as vivências cotidianas, sobretudo no campo do trabalho. Ir para escola, preocupar-se com trajeto e com a violência, conseguir ser aprovado em uma universidade são questões que também surgem e que revelam alguns sonhos de grande parte da juventude. Uma juventude viva, atenta ao que acontece ao seu redor. Assim, andar de ônibus, divulgar seu trabalho em meio à multidão, receber uma oferta de emprego, ser demitido, ganhar dinheiro, dormir, sem preocupações, (como um ato simples) são ações que os atores identificam e vivenciam no palco, sem deixar de apresentá-las com humor, crítica e leveza.

Comunicar uma experiência: as três apresentações, apresentadas por jovens de diversas partes do país e diferentes em suas escolhas estéticas, optam por discutir temas importantes da nossa sociedade, sobretudo aqueles ligados à nossa formação, e o que nos constitui como seres capazes de sonhar; mas sonhar com a consciência aguda de reconhecer a sua história, de valorizar as lutas de seus pares, de valorizar a comunidade.

Do oiapoque ao chuí, de Frechal à zona norte do Rio de Janeiro: do passado ao presente, do presente ao sonho de futuros: tangíveis, possíveis, realizáveis.

Reivindicar e sonhar.

O nosso tempo é já.